



nara roesler

thiago barbalho
depois que entra
ninguém sai
curadoria raphael fonseca

nara roesler rio de janeiro
abertura 10 de novembro
exposição 10 nov, 2022 – 28 jan, 2023

depois que entra ninguém sai

raphael fonseca

Além de artista visual, Thiago Barbalho é escritor e já publicou alguns livros com seus textos em prosa e poesia. Acho interessante trazer esta informação já que, junto às imagens compartilhadas com o público nesta exposição, seus títulos trazem uma pista de seu interesse pela escrita e pelas formas que as palavras tomam quando proferidas.

Bonito pra chover, Brotas, Noturno e O ninho não foi visto (nasceu) trazem um campo semântico que denota a conexão do artista com fenômenos naturais e a paisagem – algo que também ecoa em *Xambá*, referência a uma religião afro-brasileira que traz seu interesse pela transcendência e espiritualidade. Outros títulos parecem estar banhados pelo movimento entre um absurdo que dialoga com o surrealismo e a atenção dada não apenas ao corpo humano, mas também aos prazeres carnis; *Mamãe muito voraz e Metabolizei a maravilha* são exemplares disso, mas nenhuma dessas enunciações supera suas *Gônadas*, referência aos órgãos que produzem células sexuais – sejam os ovários, sejam os testículos.

Churrasco, Mamabanha e Pelanca completam esse elenco de títulos e nos lembram que aquela carne que hoje observa o mundo, celebra a vida e é permeada pelo gozo, amanhã estará deitada, inerte, dissecada e transformada em alimento para outros seres. Há algo na pesquisa de Thiago Barbalho que o coloca em um espaço reflexivo entre a potência vital, a passagem do tempo, a melancolia e a morte; as mãos e olhos que proporcionam tamanho deleite visual são os mesmos que nos mostram que, sim, tudo é efêmero e com a alvorada vem a melancolia, a ausência e a incerteza.

Olhando para suas imagens, tenho a impressão de que é nos trabalhos feitos sobre papel que essa leitura entre excesso e melancolia se dá de modo mais notável. Trabalhando com diferentes escalas, mas sempre evitando os tamanhos diminutos, essas imagens se caracterizam pelo *horror vacuum* – ou seja, há um “horror ao vazio”. Barbalho aglutina situações, figuras, manchas e traços. Olhadas de longe, essas imagens se destacam pela presença vibrante da cor, ao passo que, vistas de perto, podem ser enxergadas como uma trama onde prazer, humor, violência e *nonsense* se irmanam em sua justaposição.

Palavras não dão conta da experiência de se estar à frente de seus trabalhos, mas nada nos impede de cometer a heresia de tentar descrevê-los: sobre formas que remetem a olhos humanos com contornos vermelhos, está escrita em branco a frase “não vou falarr”. Sobre esta, outros olhos verdes se destacam do que parece ser o contorno de um rosto com cabelos espetados. À esquerda deste, uma mão que parece ter escamas de peixe aponta com o polegar para baixo; à direita, saindo do centro deste rosto, formas que lembram uma fita roxa se repetem, diminuem de tamanho e fingem nos levar ao engano de que, nesta imagem, há qualquer perspectiva e emulação de profundidade.

(Estas noventa palavras acima são uma tentativa patética de escrita que não corresponde nem mesmo a um décimo da superfície de Pelanca, de Thiago Barbalho; sigamos seu próprio conselho – “não falemos”.)

Suas composições se apresentam como uma espécie de arquivo: sugestões de olhos, corpos, rostos, citações a imagens massificadas e, claro, formas orgânicas feitas com uma infinidade de cores, nos convidam à contemplação por horas e mais horas. Essa vontade de conter tantos estímulos do mundo em uma só imagem traz algo de ansioso que, a meu ver, acaba por trazer uma certa melancolia à sua pesquisa. A vida, por incrível que pareça, é muito maior do que estas imagens; o artista pode se esforçar por apresentar sua aparentemente desorganizada Caixa de Pandora, mas algo sempre ficará de fora.

Enquanto isso, quando observamos suas pinturas em pequena escala, vemos figuras individuais que se apresentam como estudos anatômicos de seres fantásticos. Os limites fictícios entre figuração e abstração, representação e exploração formal se plasmam em uma coisa só. Olhando essas obras em relação àquelas feitas sobre papel, temos a impressão de que o artista extraiu personagens de uma de suas grandes narrativas e decidiu apresentá-los frontalmente. Quando agrupadas, essas imagens lembram galerias de retratos onde aspectos psicológicos são oferecidos para análise. Se um destes trabalhos possui formas que se parecem com lágrimas, outro tem algo se parece com garras e um terceiro traz silhuetas de luas. É nessa constante sugestão de movimento que esta série de pequenas pinturas está baseada, sempre por meio de imagens estáticas que parecem extraídas de um filme de animação.

Por fim, o artista também apresenta um objeto onde traz para a tridimensionalidade algumas das características centrais de seus papéis e telas. E se as situações ali indicadas fossem objetos de carne e osso – ou, mais apropriado para este caso, resina, isopor, tecido e plástico? Como o corpo do público se relaciona com a sua pesquisa, uma vez que ela ganha circularidade no espaço e permite que a cor seja experimentada sobre os diferentes materiais utilizados para se erguer um objeto tridimensional? Quais serão os próximos passos no que diz respeito à forma como o artista lida com a noção de objeto, escultura e a expansão de sua pesquisa em torno da arquitetura e do *site specific*? O que muda quando a escala do seu uso da cor laranja sai da medida dos centímetros e se expande para os metros quadrados de um edifício?

Voltemos, então, à nossa reflexão sobre os nomes de batismo dados por Thiago Barbalho e citemos aquele que intitula esta exposição: *Depois que entra ninguém sai*. Cinco palavras, nenhuma vírgula e dois verbos: um bloco de Carnaval? Uma provocação em algum aplicativo de pegação? Uma frase dita ao pé do ouvido? Uma referência às discussões políticas no Brasil? Depois que nosso corpo adentra o universo proposto por Thiago Barbalho, fica difícil esquecermos do mesmo. Não saíamos daqui e nos percamos nesses labirintos.



Pelanca, 2021/2022
lápiz de cor, grafite, pastel, caneta
esferográfica, marcador permanente,
acrílica, óleo e spray sobre papel
210,9 x 200 cm
6 peças de 70,3 x 100 cm





Metabolizei a maravilha, 2022
lápis de cor, grafite, caneta esferográfica
e marcador permanente sobre tela
40 x 30 cm





O *ninho não foi visto: nasceu*, 2021
lápis de cor, grafite, caneta esferográfica,
óleo e marcador permanente sobre tela
40 x 30 x 2 cm





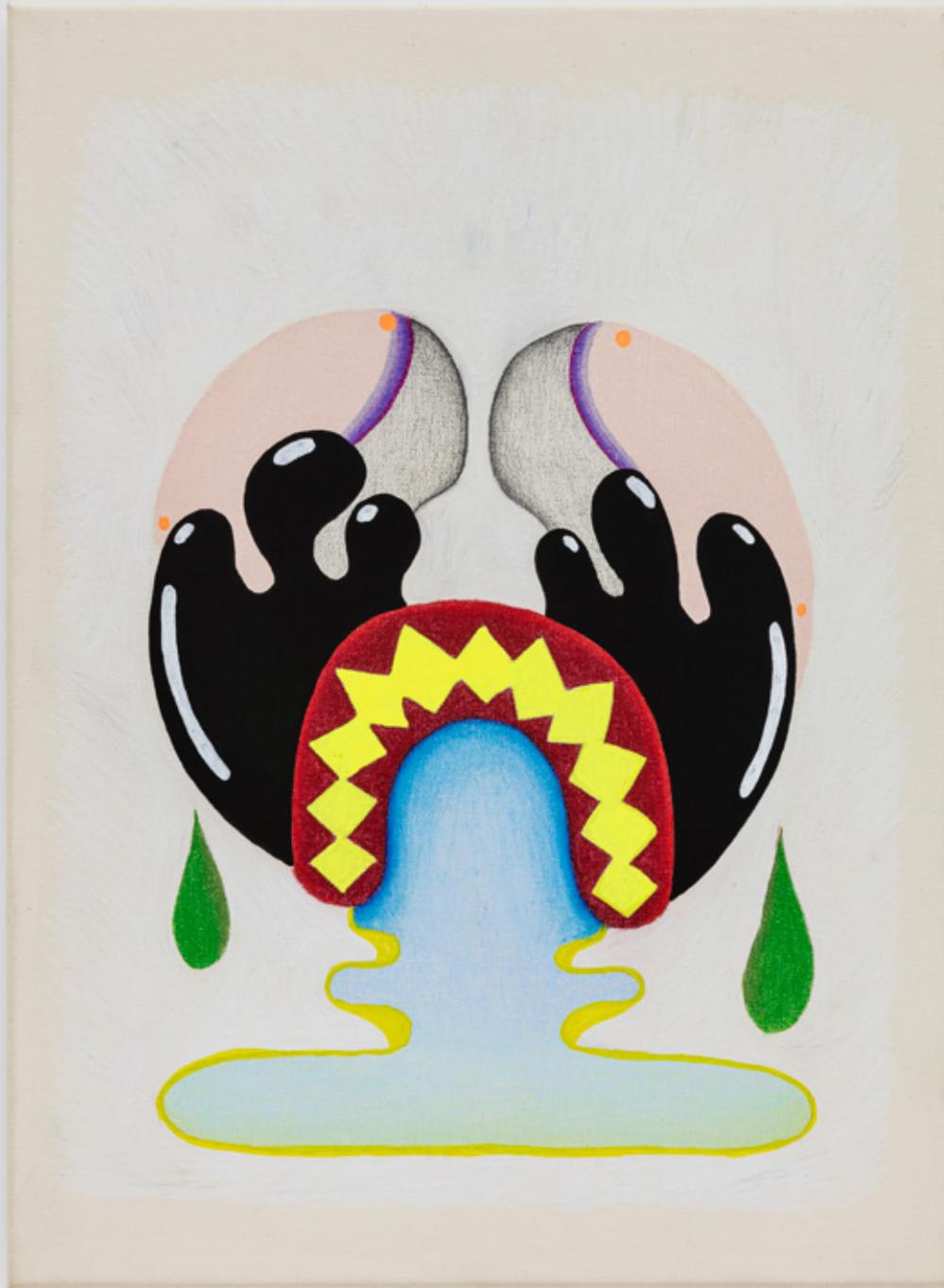
Mãinha muito voraz, 2022
lápis de cor, grafite, caneta esferográfica,
óleo e marcador permanente sobre tela
40 x 30 x 2 cm





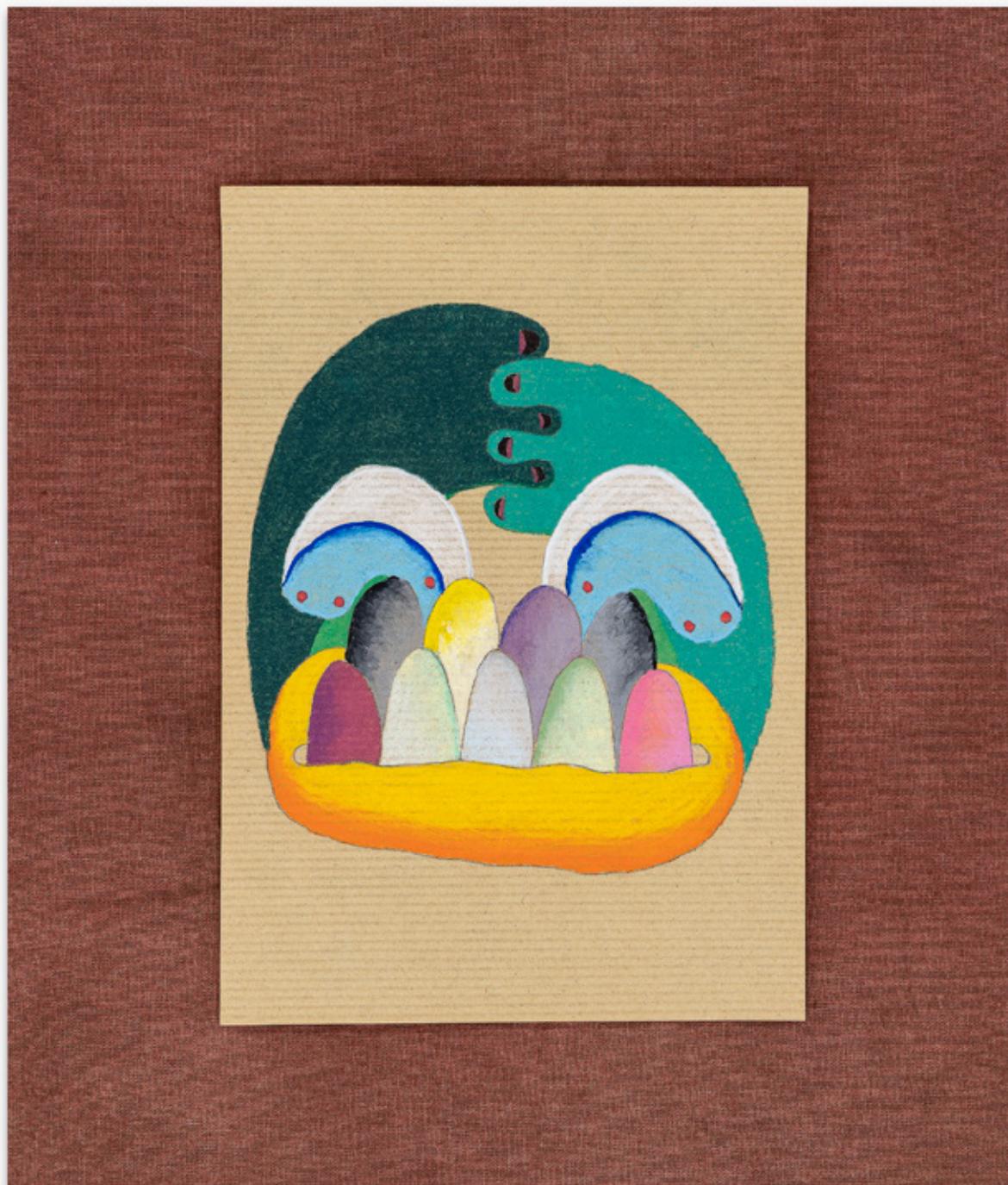
Depois que entra ninguém sai, 2021
lápiz de cor, grafite, caneta esferográfica
e marcador permanente sobre tela
35 x 27 x 1,5 cm





Xambá, 2021
lápiz de cor, grafite, caneta esferográfica
e marcador permanente sobre tela
40 x 30 cm





Depois que entra ninguém sai II, 2021
lápis de cor, grafite, caneta esferográfica
e marcador permanente sobre tela e tecido
tingido com pigmento natural
21 x 15 cm





Meu guia, 2022
lápis de cor, grafite, caneta esferográfica
e marcador permanente sobre tela
40 x 30 cm





Mamabanha, 2021/2022
lápis de cor, grafite, pastel, caneta
esferográfica, marcador permanente,
acrílica, óleo e spray sobre papel
70,1 x 200 cm





Bonito pra chover, 2021/2022
lápiz de cor, grafite, caneta
esferográfica, marcador permanente,
óleo e resina acrílica sobre tela
40 x 30 cm





Brotas, 2021/2022
lápiz de cor, grafite, caneta
esferográfica, marcador permanente,
óleo e resina acrílica sobre tela
40 x 30 cm



thiago barbalho

n. 1984, natal, brasil

vive e trabalha em são roque, brasil

Escritor e artista visual, Thiago Barbalho encontrou no desenho um modo de expressão que suplantou uma crise com a palavra. Trabalhando em diferentes dimensões e com diversos materiais (lápis de cor, grafite, spray, óleo, pastel oleoso e marcador sobre papel), suas composições trazem ao olhos do público universos intrincados, em que formas e cores se entrelaçam e embaralham em narrativas que parecem radicalizar e dotar de um ar contemporâneo e lisérgico o universo fantástico de Hieronymus Bosch.

Segundo a crítica e curadora Kiki Mazzuccheli: “Ao trabalhar essencialmente com desenho, Barbalho produz composições extremamente intrincadas, porém não planejadas, nas quais uma multiplicidade de imagens, símbolos e campos de cor se fundem umas nas outras para criar superfícies vibrantes ininterruptas”. O aparente caos de suas imagens surgem do vagar do gesto que traceja, recusando a submeter-se às lógicas formais ditadas pela racionalidade. De fato, deparamo-nos em seu trabalho com fragmentos diversos, uma profusão de referências de diferentes esferas, da cultura pop à tradição da história da arte, desierarquizando categorias e a própria relação entre figura e fundo.

Com formação em Filosofia, Barbalho se ampara em conceitos da disciplina para guiar sua prática. Nesse sentido, ele entende o desenho como uma tecnologia ancestral, que atravessa eras e culturas, sendo uma invenção da espécie humana, qualificando-a. Sua pesquisa visual vê no desenho o rastro de uma presença e da relação entre a mente – a imaginação –, e o corpo – o gesto –, entre a consciência e a realidade.

exposições individuais selecionadas

- *Correspondência*, Galeria Marília Razuk, São Paulo, Brasil (2019)
- *Thiago Barbalho*, Kupfer Project Space, Londres, Reino Unido (2018)

exposições coletivas selecionadas

- *AVAF*, Casa Triângulo, São Paulo, Brasil (2018)
- *Rocambole*, Pivô, São Paulo, Brasil (2018)
- *Rocambole*, Kunsthalle Lissabon, Lisboa, Portugal (2019)
- *Voyage*, Galeira Bergamin & Gomide, São Paulo, Brasil (2017)
- *Shadows & Monsters*, Gasworks, Londres, Reino Unido (2017)

coleções selecionadas

- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

nara roesler

são paulo

avenida europa 655,
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor 241,
ippanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5034

nararoesler.art

info@nararoesler.art